

O preocupar-se com a educação do jovem remonta à Antigüidade. O processo dialético e pedagógico da *Maiêutica*, por exemplo, utilizado pelo filósofo grego Sócrates (470-399 a.C.), buscava ensinar e formar o aprendiz pelo método dialógico que, em essência, era um estímulo ao refletir e ao opinar.

De um lado, com o desenvolvimento, nos últimos séculos, da Sociologia e da Psicologia, trazendo novos dados para a compreensão do adolescente em suas reações e relacionamentos; de outro, com o imprevisível avanço das novas tecnologias, que vem mudando os caminhos da educação (com uma clara tendência para o isolamento do educando no seu processo de aprendizagem), a família, a escola e a sociedade passaram a buscar, e com grande ansiedade, novas formas de atender ao jovem, nesse seu período de tantas mudanças e solicitações. E o grande achado do século, nessa trilha de busca, parece ter sido o diálogo — a técnica do saber ouvir e do instigar o outro a falar e a ser ouvido foi adotada, por exemplo, como terapia, para a resolução de conflitos.

A obra *A vez e a voz dos alunos*, publicação da dissertação de Mestrado da Prof^a. Norma Oliveira Brihy, escolheu esse caminho do diálogo com seus alunos, através de suas produções escritas. Como coordenadora do Departamento de Correção de Redação em uma escola particular de Ensino, acompanha, há alguns anos, as atividades desenvolvidas pelos seus colegas de Língua Portuguesa no ensino daquela disciplina, o que lhe permitiu realizar o presente trabalho, cuja finalidade é buscar *os elementos da cultura do jovem exteriorizados nas redações*.

BRIHY, Norma Oliveira. *A vez e a voz dos alunos*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 112 p.

Antecipando a visão sociolinguística da análise do discurso que irá adotar, a autora descreve, na introdução, as condições em que se dá, na escola, a produção de textos de seus alunos. Equipes de professores de teoria, prática e correção da disciplina Redação trabalham no sentido de instigar o aluno à produção de textos reflexivos e fundamentados. É um objetivo que vem, inclusive, atender à macroproposta da instituição que é a aprovação de seus alunos em exames vestibulares, como reitera a autora várias vezes, em sua obra. Fica-nos já evidente a importância e a necessidade de um trabalho integrado da escola — coordenação, professores e alunos — planejando as atividades pedagógicas e dando condições para seu desenvolvimento.

O objetivo desse trabalho em equipe, segundo a autora, é, a partir do confronto de pontos de vista apresentados em textos-estímulo, motivar o aluno a construir suas redações com temas atuais e polêmicos, onde possa externar suas idéias, sentimentos e emoções, que são importantes para o seu processo de socialização. Podemos ver, nessa proposta desafiadora, a prática das duas modalidades do diálogo socrático para a formação do pensamento dialógico: a síncrese — *confronto de diversos pontos de vista apresentados sobre o tema proposto*, e a anacrese — *os meios usados para provocar o discurso de um interlocutor, obrigando-o, assim, a externar sua opinião* (PIRES, Orlando. *Manual de Teoria e Técnica Literária*. Rio de Janeiro: Presença, 1981, p. 57).

É desse contexto que a professora seleciona vinte e seis redações para, a partir da análise de seu conteúdo se-

mântico, retirar elementos que falam a cultura do jovem.

Antes de apresentar esse trabalho de análise dos textos, a autora, no primeiro capítulo — *Cultura do Jovem* — preocupa-se em comprovar que existe esta cultura, embasando sua teoria em estudos da adolescência.

Historicamente, inicia a pesquisadora, o reconhecimento de tal faixa etária se deu neste século, após a Primeira Guerra, quando *a consciência da juventude tornou-se um fenômeno geral e o jovem ganhou poder de decisão, conquistando seu espaço* (p. 23). É no ano de 1950, continua a autora, que adquire o *status legal e social e, na década de 70, que a expressão cultura do jovem ganha força, substituindo a tão depreciativa 'delinqüência juvenil'* (p. 24).

Dos excertos citados das obras, vai retirando elementos da cultura do jovem e destacando a importância dessa fase da vida no processo de socialização do ser, idéia contida no estudo de Strôngoli, por exemplo, um dos estudiosos mencionados no trabalho (p. 24-25).

De um lado, conflitos, insatisfações, rebeldias, desejo de reformar o mundo; de outro, autoconfiança, ajustamento sexual, definição vocacional, são alguns elementos que compõem o universo contraditório do adolescente, segundo os autores citados.

Esses estudos mostram que não só mudanças fisiológicas, psicológicas e sociológicas, que experimenta o adolescente, explicam suas características; diferenças de cultura também determinam comportamentos diversos, como é o caso de sociedades que, através de cerimônias e atos especiais, introduzem, de imediato, o jovem no meio social (p. 29-30).

Com esses dados, a autora comprova a existência de uma cultura jovem e a importância desse período no processo de socialização do ser. E a escola, co-responsável pela educação e formação do adolescente, deve construir seu *discurso pedagógico coerente com o universo social do aluno* (p.32), o que não vem acontecendo, segundo menciona, principalmente com a escola tradicional que, preocupada em preparar *o seu aprendiz unicamente para a vida adulta* (p.32), ignora sua cultura. Este saber peculiar do adolescente, que a autora se propõe a buscar na linguagem dos textos escritos, é analisado sob a ótica da sociolinguística que considera a linguagem *em relação às suas condições de produção* (p. 35).

No segundo capítulo — **Procedimentos norteadores do caminho para a obtenção dos dados** — a autora delimita o tema de sua pesquisa, justifica critérios de escolha dos textos e discute alguns pressupostos básicos que nortearam sua análise e interpretação. Retoma, aqui, o estudo das condições de produção dos textos na Instituição.

Nessa parte, a Prof^a. Norma acrescenta conceitos básicos sobre ensino de Redação, como características da linguagem oral e linguagem escrita, da descrição, narração e dissertação. Nestas distinções entre os diferentes textos, fica justificada, implicitamente, a opção da autora por trabalhos escritos e predominantemente dissertativos, para sua análise.

No terceiro capítulo — **Caminhos para uma análise: fatores a serem considerados** — a autora transcreve os vinte e seis textos selecionados, de onde vai retirar *elementos integrantes da cultura*

do jovem exteriorizados nas suas redações escolares (p. 58).

A proposta de redação é apresentada ao aluno a partir de um tema. Os comentários da autora seguem-se ao final de cada texto. Podemos observar que os trabalhos vêm na íntegra, com falhas e incorreções gramaticais próprias do adolescente, no uso que faz da língua. Vemos aqui, na competência linguística do jovem, mais um elemento de sua cultura e que poderia ser incluído numa pesquisa como a que se propôs a autora, embora anteriormente tenha destacado *que o momento do sujeito-textual é de organização de suas experiências, emoções e conceitos* (p.45). Mas consideramos que aprender a contextualizar o uso dos diversos níveis linguísticos também faz parte desse período de transição que caracteriza a adolescência: a passagem de um uso espontâneo e descompromissado da língua pela criança, para o uso consciente e responsável do adulto.

Embora os textos aqui selecionados sejam de alunos de determinado nível social e de ensino, e as suas respostas sejam, até certo ponto, previsíveis e constatadas, por exemplo, nos estudiosos mencionados na pesquisa, as redações refletem a imagem do nosso jovem que se expõe, de modo sincero, na ânsia de poder ser ouvido e considerado. A sensação que experimentamos, no contato com esse mundo, é nova — mais forte, mais real — pois (re)conhecemos, nesse momento, os *elementos da cultura do jovem exteriorizados* através de sua própria voz: um discurso capaz de confrontar os valores de gerações distintas, numa visão, muitas vezes, crítica e contestadora.

Após a leitura, não há como fugir, na condição de professores e/ou pais, a um repensar o nosso relacionamento com o adolescente, pois conhecemos seus medos, angústias, revoltas, incertezas, desejos, ideais, paixões, nos textos que tratam de temas polêmicos como amor, juventude, educação, família, caráter, honestidade, superproteção, preconceito, droga, autoconfiança, liberdade, transcritos na pesquisa.

Pensamos, neste momento, no grande desafio das instituições de ensino que, ao lado de uma educação informatizada, de natureza eminentemente monológica, devem promover, através das disciplinas de seu currículo, o diálogo com o aluno, envolvendo a família e a sociedade. Se a

escola se estrutura para dar vez ao adolescente e ouvir a sua voz, tem que lhe dar respostas, numa interação contínua.

A pesquisa da professora Norma Oliveira Brihy cumpriu seu objetivo. Em suas *Considerações finais*, sintetiza, num minitratado sobre a adolescência, os temas detectados em sua análise. Da leitura da obra fica ao educador a responsabilidade de saber aproveitar o caminho por ela apontado e encontrar outros que proporcionem a troca, na escola, de ensinamentos, opiniões e experiências que somente o diálogo — não virtual — pode proporcionar.

Ana Maria Gurgel de
Oliveira Gonzalez